



DOSSIÊ

1 *Metamorfoses imaginadas: imaginários e temporalidades em transformação na Barra da Tijuca*

(Imagined metamorphoses:

imaginaries and temporalities in transformation in Barra da Tijuca)

(Metamorfosis imaginadas:

imaginarios y temporalidades en transformación en Barra da Tijuca)

Rodrigo Cerqueira Agueda¹

1. Doutorando em Sociologia pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IESP-UERJ). Mestre em Sociologia e Antropologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGSA/IFCS/UFRJ). Bacharel em Sociologia pela University of Michigan – Ann Arbor (2018). Pesquisador do Grupo Casa (IESP-UERJ) e do Urbano – Laboratório de Estudos da Cidade (IFCS-UFRJ). Dedicar-se ao campo dos estudos urbanos, com ênfase nos temas da moradia, estilos de vida urbanos, segregação residencial e processos de urbanização. ID Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6838958264517048>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0614-5927>.



RODRIGO CERQUEIRA AGUEDA

Resumo – Este artigo investiga as transformações subjetivas e concretas que se deram no bairro da Barra da Tijuca, desde seu princípio. Baseado principalmente em material de jornal acerca do desenvolvimento inicial do bairro nas décadas de 1960 e 1970, o foco é na centralidade que os imaginários e as temporalidades desempenharam na construção de um novo modelo de cidade, representado pelo grande projeto modernista da Barra da Tijuca, na Zona Oeste do Rio de Janeiro. Defendo que, a partir da manipulação de narrativas, promessas e imagens contraditórias, é possível transformar o lugar de uma localidade na cartografia simbólica da cidade, mesmo que, como no caso aqui tratado, seja feito em torno de políticas de memórias que não dizem respeito necessariamente àquela localidade.

Palavras-chave: Barra da Tijuca; Memória; Imaginário; Temporalidade; Urbanização.

Abstract – This article investigates the subjective and concrete transformations that took place in the Barra da Tijuca neighborhood from its beginnings. Based primarily on newspaper material regarding the initial development of the neighborhood in the 1960s and 1970s, the focus is on the centrality that imaginaries and temporalities played in the construction of a new city model, represented by the large modernist project of Barra da Tijuca, in the West Zone of Rio de Janeiro. I argue that through the manipulation of narratives, promises, and contradictory images, it is possible to transform the status of a locality in the symbolic cartography of the city, even if, as in the case discussed here, it is done around memory policies that do not necessarily pertain to that locality.

Keywords: Barra da Tijuca; Memory; Imaginary; Temporality; Urbanization.



RODRIGO CERQUEIRA AGUEDA

***Resumen** – Este artículo investiga las transformaciones subjetivas y concretas que ocurrieron en el barrio de Barra da Tijuca desde sus inicios. Basado principalmente en material periodístico sobre el desarrollo inicial del barrio en las décadas de 1960 y 1970, la atención se centra en la centralidad que imaginarios y temporalidades jugaron en la construcción de un nuevo modelo de ciudad, representado por el gran proyecto modernista de Barra da Tijuca, en la Zona Oeste de Río de Janeiro. Sostengo que, a través de la manipulación de narrativas, promesas e imágenes contradictorias, es posible transformar el lugar de un lugar en la cartografía simbólica de la ciudad, incluso si, como en el caso aquí discutido, se hace en torno a políticas de memoria que no se refieren necesariamente a esa ubicación.*

***Palabras clave:** Barra da Tijuca; Memoria; Imaginario; Temporalidad; Urbanización.*



Introdução

“Toda paisagem é memória porque é contra a matéria terrestre ou dentro dela que a imaginação vai habitar na tentativa de superar a matéria percível do tempo. Toda paisagem é tempo, porque a imaginação criadora, confrontada à extensão da matéria terrestre, resulta do seu triunfo sobre ela. Neste sentido, pertencendo ao domínio do tempo, toda paisagem, como arranjo estético de uma experiência no mundo, pertence ao domínio do imaginário.” (Eckert e Rocha, 2013, p.222)

Uma mesma cidade existe de múltiplas formas, nas memórias e imagens simbólicas de cada um de seus habitantes, transeuntes ou visitantes. Uma mesma cidade – ou as “cidades” dentro desta cidade – se transforma constantemente no imaginário geral que é criado acerca dela. Nesse contexto, das metamorfoses urbanas imaginadas que circundam as mudanças concretas e materiais da cidade, aqui me proponho a pensar o bairro carioca da Barra da Tijuca. A proposta desse ensaio é de rascunhar uma sociobiografia do “novo” bairro modernista do Rio de Janeiro, tentando entender o seu lugar (em movimento) na “cartografia simbólica” (O'Donnell, 2013) da cidade.

A partir principalmente de materiais de jornais das décadas de 1960 e 1970, época da elaboração e construção do bairro, esboço lançar luz sobre as relações entre as transformações subjetivas e as transformações concretas que se deram na região nessas últimas seis décadas. Seguindo a definição de Eckert e Rocha que introduzem esse texto, que “pertencendo ao domínio do tempo, toda paisagem (...) pertence ao domínio do imaginário” (Eckert; Rocha, 2013, p. 222), realizo essa tarefa com foco em duas dimensões importantes da história desse bairro: os *imaginários* e as *temporalidades*. Essas duas dimensões são os principais eixos sobre os quais as narrativas e promessas sobre a Barra da Tijuca foram sendo criadas, reproduzidas, transformadas, e desmanteladas. Defendo que, sobre esses dois eixos, foram sustentadas narrativas e promessas que constituiriam um novo modelo de cidade e, com ele, uma nova forma de se habitar o espaço urbano.

Ao apresentar as formas com que os imaginários e as temporalidades foram transformando o imaginário urbano e o lugar do bairro na cartografia simbólica da cidade, demonstro, com alguns exemplos de propagandas e reportagens de jornais, como essas construções foram sempre sustentadas pela utilização de dualidades que se colocam de forma complementar. Imagens opostas que se retroali-



mentam para gerar, como síntese, algo novo, apenas possível em função dessa contradição. Afastamento e proximidade, natureza e técnica, fechado e aberto, planejamento e caos, são algumas das ideias utilizadas para criar o “novo” que aparece na/com a Barra da Tijuca. Por meio dessas imagens contraditórias, temporalidades distintas se conectam de forma a combinar memórias e desejos acrônimos, permitindo novas promessas.

Dentro desse quadro analítico, enfrento o desafio de pensar o conceito de memória de um bairro que não possui vínculo com a ideia de tradição. Como se articulam as ideias de passado e presente em um bairro projetado enquanto futuro? Como situar na história simbólica da cidade um bairro muito recente, que se constrói a partir de muitas desvinculações com o seu restante e com o pretérito? Quais as políticas de memórias que constituem esse imaginário jovem da Barra da Tijuca? Uma das saídas é ampliar o escopo, pensando o bairro enquanto conceito de cidade, ao mesmo tempo em que se investiga os “antigos” ao qual esse “novo” se propõe, mesmo quando de forma oculta. Pensando a Barra da Tijuca não como bairro em si, mas como parte de uma grande metamorfose dos imaginários sobre a ideia de cidade, podemos refletir acerca do papel cumprido pelo bairro em um escopo que é muito mais amplo do que o bairro.

O esforço deste ensaio é de mapear a forma que as temporalidades e os imaginários vão construindo as narrativas sobre o bairro da Barra da Tijuca, sem necessariamente se valer de uma análise contínua dessas transformações. Pensar a metamorfose do imaginário urbano do bairro, nesse caso, se dá de forma a percorrer o caminho dessas transformações – sobre o que aquela região era, passou a ser, e virá a ser – dentro de um período de tempo delimitado. Ao invés de acompanhar essas transformações ao longo dos anos, aqui busco entender como o passado, presente e futuro da cidade vão se moldando ao longo da construção do bairro enquanto ideia e enquanto concretude, o que, por si só, já se valem de temporalidades muito anteriores e temporalidades muito posteriores. Mais objetivamente, busco olhar para esse período circunscrito do processo de transformação urbana do Rio de Janeiro, dos anos 1960 aos anos 1980, para entender como as narrativas sobre a Barra vão carregar imagens e temporalidades da cidade de um período muito mais amplo, alternando a posição que o bairro – e o que existia antes dele – vai ocupar na economia simbólica da cidade.

A Barra da Tijuca é um caso impar para pensar as transformações urbanas cariocas. Parte de um grande projeto urbanístico de cunho modernista para uma região ainda sem uma ocupação densa – o “ser-



tão carioca” – o bairro teve a possibilidade que outros bairros para grupos de alta renda não tiveram: de se construir do zero, “sem os entraves de uma estrutura urbana preexistente, ou quase” (Mello, 2001). Parte da Zona Oeste da cidade, mas construído seguindo o fluxo da ocupação urbana da Zona Sul, que se estendeu seguindo a orla do mar, a Barra vai transformar uma região de mangue e restinga em uma paisagem de largas avenidas, shopping centers e grandes condomínios fechados. Pensada enquanto um “subúrbio global”, um espaço “orientado para automóveis, com baixa densidade, subdivisões unifamiliares e sempre nos arredores dos centros urbanos” (Herzog, 2013, p. 119, tradução nossa), com uma falta de espaços públicos de encontro, de esquinas e botequins (Gomes; Del Rio, 1998), a Barra da Tijuca substitui no mapa simbólico da cidade uma região “vazia” por um destino sonhado das classes médias emergentes e das classes altas “fugidas” da cidade.

A tentativa aqui, então, não é de responder às perguntas sobre as mudanças concretas que ocorreram no bairro ao longo do tempo, nem de fazer uma análise mais minuciosa sobre as transformações simbólicas e culturais da cidade. Me atenho ao desafio de abrir caminhos analíticos para tentar inserir a Barra da Tijuca, um bairro não atrelado à ideia de tradição, ao quadro de memórias urbanas da cida-

de. Acredito ser esse um primeiro passo para trazer ideias de futuro e promessas às discussões sobre economia simbólica, assim como para utilizar imaginários e temporalidades presentes para pensar dinâmicas de memória. Nesse sentido, acredito que o caso da Barra da Tijuca reflète uma forma de utilização de imagens contraditórias como mecanismo para produzir temporalidades complementares, abrindo espaço para a criação de um novo produto: uma nova forma de se habitar e se vender a cidade, uma nova maneira de se pensar a ideia de urbano.

I. Imaginários

A Barra da Tijuca, assim como qualquer bairro ou cidade, é apreendida pelas pessoas de múltiplas formas. Como sentimos, a maneira como observamos e pensamos o bairro, dá lugar a paisagens mentais individualizadas daquele lugar, a forma com que cada indivíduo o percebe e o constrói em sua memória. Quando falamos em imaginários urbanos, nos referimos a algo que “não são apenas questões da mente, mas também se manifestam e se expressam no espaço urbano vivido” (Linder; Meissner, 2019, p. 01). Apesar de se valerem de memórias e maneiras pessoais com as quais compreendemos o espaço, esses imaginários não só são produzidos pela realidade urbana, como também a produzem cotidianamente.



Aqui me valho da definição de Edward Soja (2000), que define os imaginários urbanos enquanto "os mapeamentos mentais ou cognitivos da realidade urbana e as grades interpretativas através das quais pensamos, experimentamos, avaliamos e decidimos agir nos lugares, espaços e comunidades em que vivemos" (Soja, 2000, p. 324). Dessa maneira, busco distanciar a ideia de que imaginários se referem a algo pontual e desassociado a outros tempos, experiências e lugares, ou a algo fictício e desapegado do concreto. O que defendo é que, muito pelo contrário, os imaginários são processos produzidos e produtores de materialidades concretas e experiências vividas. O caso da Barra da Tijuca é um exemplo de como essas construções simbólicas que envolvem as construções materiais são tão produtivas de espaço quanto o concreto, os prédios e as ruas que moldam as cidades. Utilizando aqui os termos de Setha Low (2014), os imaginários se enquadrariam no conceito de "construção social do espaço", que constituem as "transformações espaciais através das interações sociais das pessoas, conversas, memórias, sentimentos, imaginação e uso – ou ausências – de lugares, cenas e ações que transmitem significados particulares" (Low, 2014, p. 15). Ele se diferenciaria da "produção social do espaço", que se atrela as mudanças físicas que se colocam no espaço. Apesar de ambas serem

processos sociais, o primeiro se coloca mais no plano simbólico, que por onde pretendo insistir aqui. Nesta sessão, busco ressaltar o papel que o imaginário social tem na produção da cidade, exemplificado pelo caso da Barra da Tijuca.

É inegável que ambas dimensões da produção do espaço são complementares e interdependentes. Quando se constrói um bairro, as mudanças físicas que são postas em prática se valem das memórias, desejos e experiências de outros espaços. Sem essa "produção social", as mudanças físicas não se sustentariam, da mesma forma que elas acabam por produzir novos efeitos no campo simbólico a cada mudança feita no âmbito do físico. Cabe aqui, porém, explicitar alguns conceitos importantes utilizados que podem significar coisas diversas e cumprir funções muito diferentes. Quando utilizo o conceito de espaço, o entendo "como simultaneamente material, conceitual, vivenciado e praticado" (Linder; Meissner, 2019, p. 2). Mais especificamente, me valho da definição de Milton Santos, que o pensa enquanto "um conjunto indissociável, solidário e também contraditório de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá" (Santos, 2012, p. 63). A tentativa aqui é de "compreender o espaço como uma produção aberta contínua", como "múltiplo e



relacional, não-acabado e sempre em devir” (Massey, 2008, *passim*). A partir dessa perspectiva, podemos analisar as transformações urbanas da cidade e da Barra da Tijuca não só pela sua materialidade, mas também “pela vida que a anima” (Santos, 2012, p. 62). Assim, o espaço engloba tanto a sua produção social quanto a sua construção social, permitindo fazer aquilo que coloco como objetivo para essa discussão: relacionar as transformações simbólicas com as transformações materiais que as envolvem.

Tratando de espaço, cabe também trazer a perspectiva de Henri Lefebvre para pensar as suas diferentes dimensões, ou os diferentes “momentos do espaço social” (1991 [1974], p. 40). Entender o espaço enquanto “percebido”, “concebido” e “vivido”, nos permite adentrar várias dimensões dos imaginários sobre um bairro ou cidade, desde seus componentes cotidianos, de seus moradores, até os planejamentos, símbolos e memórias que os constituem. Os imaginários sobre a Barra da Tijuca são compostos tanto pelas ideias que são moradores constroem e reproduzem sobre ela, como pelo planejamento urbano que o envolve e o representa, e pelas imagens e narrativas que são feitas sobre o bairro, tanto pelo Estado quando pelas mídias. É essa disputa de imagens e narrativas que vai constituir a constante metamorfose do papel do bairro na cartografia simbóli-

ca da cidade. Aqui é importante também ressaltar o que vamos considerar como “narrativa”, que possui grande relevância na construção de imaginários. Valho-me da definição utilizada por Farias (2012), que entende narrativa enquanto “os modos discursivos que, ao apresentarem seus objetos, expressando-os, os constituem e os tornam visíveis” (Farias, 2012, p. 12). Essa perspectiva é importante, pois resalta o caráter ativo das narrativas, como constituintes e vislumbradoras do espaço.

Quando se trata desse bairro, construído na década de 1970 a partir de um plano urbanístico assinado pelo mais importante urbanista da época, Lúcio Costa, uma das principais dimensões simbólicas é o papel da cidade enquanto imaginários do urbano. Como breve contextualização, cabe ressaltar o contexto histórico atrelado ao surgimento do bairro. Após uma ocupação desenfreada da orla sul da cidade a partir do começo do século XX, as demandas das camadas altas se concentrava em alternativas para as condições urbanas presentes. Como resalta Velho, o crescimento de Copacabana foi de 1500% entre 1920 e 1970, frente ao crescimento de 240% da cidade de forma geral (Velho, 1973). O bairro foi o primeiro da Zona Sul carioca a ser atrelado a imaginários de prestígio, fazendo com que moradores e serviços buscassem se mudar para o, até então, gran-



de areal. Envoltos de promessas e flexibilizações das regras de construção, o bairro teve um crescimento desordenado, passando a ser visto como um grande exemplo de "caos urbano" e falta de planejamento (Teixeira Alves, 2020). Após esse rápido crescimento desordenado de Copacabana, a ocupação da orla seguiu a oeste, tomando os bairros de Leblon e Ipanema, tanto com os prédios mais caros do país, quanto com favelas que os rodeavam.

Nesse contexto, a partir principalmente dos anos 1940 e 1950, cria-se entre as classes altas praianas cariocas uma demanda por alternativas. O *status* e prestígios que os bairros litorâneos da Zona Sul os davam, passou a sofrer com a chegada da urbanização densa: junto com as infraestruturas urbanas chegaram as favelas, o mar de prédios, e a heterogeneidade. A política de remoção de favelas do período agiu nesse sentido, retirando esses corpos e estruturas indesejadas sob uma narrativa sanitarista. Contudo, espaços que ofereciam novas alternativas a esses males da urbanização densa eram buscadas e, a partir dos anos 1960, prometidas pelas imobiliárias. Desde um grande empreendimento no coração do Leblon, possibilitado pelo incêndio misterioso de uma favela – a Praia do Pinto –, a novas oportunidades mais a oeste, o mercado imobiliário apostou em uma forma de evitar esses males, mantendo os

prestígios caros àquelas classes. Por meio do processo de fechamentos, tanto simbólicos como materiais, imobiliárias tomaram conta dos jornais para promover seus novos condomínios - até então autointitulados "projetos urbanísticos" e "bairros planejados", em espaços mais amplos, afastados da cidade. A Baixada de Jacarepaguá, região onde a Barra da Tijuca se construiria, passa a ser alvo dessas imobiliárias, como terreno "livre" para se erguer um grande projeto urbanístico "erguido do zero, sem os entraves de uma estrutura urbana preexistente, ou quase" (Mello, 2001).

"Primeiro, era só a paisagem. Estranha e bela paisagem", escrevia Lúcio Costa em seu Plano Piloto de 1969 para a urbanização da baixada compreendida entre Barra da Tijuca, Pontal de Sernambetiba e Jacarepaguá (Costa, 1969). Contratado pelo então Estado da Guanabara para criar esse grande projeto de influência modernista, o urbanista projetou como seria a chegada da cidade nesse lugar conhecido como "Sertão Carioca" (Corrêa, 1936). Isso nos leva à primeira gama de imaginários que serão atrelados ao bairro, o colocando de vez nessa cartografia simbólica da cidade, substituindo ou alterando o lugar que tinha aquela região. Aqui, a oposição entre urbano e rural, cidade e anti-cidade, infraestrutura e natureza vão se complementar para criar a alterna-



tiva possível. Nem fora da cidade, nem em seu seio; nem no meio do mato, nem longe da natureza; nem sem infraestrutura, nem envolto pela sua densidade. O desafio de se criar uma narrativa que cobrisse essa ambiguidade se criava sobre essa nova aposta imobiliária.

Rachel Paterman discorre sobre uma diferenciação que aqui nos é muito útil. Ao diferenciar a “mata” do “mato”, a autora ressalta uma distinção muito importante sobre os imaginários atrelados a cada um, e como essa diferença vai influenciar diversos aspectos da vida urbana e da economia simbólica da cidade. De acordo com a autora:

A mata é a paisagem nativa amadurecida ao longo de dezenas, centenas ou milhares de anos; o mato é a vegetação rasteira e agressiva, via de regra exótica e invasora, que se instala nos solos expostos pelo desmatamento. A mata é capaz de gerar água e vida; do mato, nada de bom pode vir. (Paterman, 2020, p. 373).

Esse embate entre ideias semelhantes ou sinônimas, mas que sustentam narrativas e imagens opostas, vai ser muito utilizado no processo de expansão da cidade para a Barra da Tijuca. A valori-

zação do “capital verde” (Costa, 2006) – a transformação do “mato” em “mata” (Paterman, 2020), vai ser essencial para, simultaneamente, transformar aquele “sertão” em cidade e não deixar de interferir naquilo que vai valorizar o bairro, a mata que o circunda. Ao contrário do abandono, do espaço vazio, os empreendimentos que surgem no bairro oferecem uma natureza pensada, com bosques e de jardins em equilíbrio com o mar e as montanhas preservadas do lado de fora. Aqui, o “meio ambiente assume contornos de um conveniente promotor de vendas” (Paterman, 2020, p. 376) como fica claro em algumas propagandas. O paisagismo constrói a “paisagem”, elemento central na expansão que se deu no sentido da Zona Oeste, e substitui o “mato” – como área indesejada e disponível – em “mata”, como privilégio de contemplação e de qualidade de vida.

Nesse mesmo âmbito, fica ambíguo o papel que a cidade vai exercer sobre aquele lugar. Como valorizar a mata, sem deixar de oferecer as infraestruturas de uma cidade? Esse desafio está presente em todo o processo de venda do bairro e seus empreendimentos, em uma tentativa de associar essas ideias opostas. Muitos dos condomínios que surgem vão colocar elementos da natureza em suas logomarcas, ao mesmo tempo em que seus anúncios nos jornais vão prometer infraestruturas. Uma das pro-

pagandas, de novembro de 1977, de um dos condomínios sendo construídos no bairro avisa que “toda a infraestrutura já está pronta: estradas duplicadas, ruas asfaltadas, gás, luz, água, esgotos e até orelhão! Uma beleza!” (Jornal do Brasil, 20/11/1977), ao lado da *logo* com um coqueiro e uma família brincando na praia (figura 1).



Figura 1: Símbolo do condomínio Novo Leblon. Fonte: www.novobleblon.com.br

Em uma reportagem de 1975, um dos maiores empresários do setor imobiliário, Sérgio Dourado, dá uma entrevista falando sobre a questão da natureza nesse processo de expansão para a Barra da Tijuca:

O homem, hoje, está outra vez mais perto da natureza. Nós nos conscientizamos de que estávamos morando mal, estragando a nossa vida, e passamos a entender a importância do equilíbrio ecológico, a necessidade de preservar o

meio ambiente, de respeitar o verde. Isso é dar valor, dar qualidade à vida (...) Nova qualidade de vida é reservar 33 mil metros quadrados para gramados e jardins. (Dourado, 1975).

Enquanto promete essa volta à natureza, o empresário construía “bairros planejados”, que exaltam o acesso a todos os bens e serviços possíveis nos centros urbanos. Requalificar o papel da natureza, de “mato” para “mata” enquanto algo que deixa de ser um sertão para ser um ativo urbano, é um dos imaginários que vai construir a Barra da Tijuca enquanto alternativa de vida urbana para as camadas altas da sociedade carioca. Um exemplo dessa tentativa conciliadora aparece em uma reportagem de 1979 sobre o bairro:

Será possível ao carioca usufruir os mesmos benefícios que o progresso levou a Nova Iorque, Londres ou Tóquio, sem renunciar à condição e habitante de uma cidade maravilhosa? Para aqueles que descobriram a Barra da Tijuca – e seu novo estilo de vida – a resposta é sim.



O carioca continua “descobrimdo” a Barra. E se mudando para lá. Afinal, quem disse que não é possível ter tudo aquilo que o progresso oferece, sem renunciar os encantos que já fizeram do Rio a Cidade Maravilhosa? (Jornal do Brasil – 29/07/1979)

Nessa tentativa de conciliar imagens contraditórias, uma brecha para diversas narrativas é criada. Muitos autores, por exemplo, tratam da Barra da Tijuca e seus grandes condomínios enquanto uma “anticidade” (Alvin, 2012; Sánchez, 2009). Inspirados talvez na literatura das *gated communities* e subúrbios estadunidenses, que se baseiam também em um “sentimento anti-urbano” (Low, 2001), esses autores reproduzem narrativas que contrapõem o bairro aos centros urbanos. Parte disso está relacionada às estratégias presentes no bairro de aversão à heterogeneidade e de autossegregação, que negam uma das essências das metrópoles. Esse imaginário antagônico ao urbano se junta aos bens naturais da Barra, que se encontra entre 14km de praia e montanhas e serras. A Barra da Tijuca então, passa a ocupar um espaço transitório tanto no mapa simbólico da cidade quando em sua economia, um lugar de contemplação, beleza e abertura, mas que representa uma nova

maneira do viver urbano. Uma imagem de sertão e do mato não dá lugar a uma imagem de metrópole e adensamento, mas um híbrido que é escape ao mesmo tempo que é acesso. A imagem da natureza e da cidade, ambos domesticados.

Pensando na questão da abertura, muito trazida pelas propagandas dos anos 1970, em termos de praia, vistas e “ausência de sombra”, outro embate de imagens importante aqui é entre *fechamento* e *abertura*. Como busquei mostrar outrora, a construção material e simbólica da nova forma de vida contida na Barra da Tijuca e seus condomínios, é resultado de uma “ordem processual de sucessivas acumulações de fechamentos” (Agueda, 2021). Desde a necessidade de renovação das opções de moradia das classes altas da Zona Sul frente ao adensamento urbano e os seus males, até a materialização dos grandes condomínios da Barra, os “condomínios-cidade” (Agueda, 2021), as formas urbanas que foram se desenvolvendo acumulavam das anteriores as experiências, desejos e promessas, resolvidos por fechamentos. Desde fechamentos à rua, até fechamento quanto a estilo de vida, status e homogeneidade, esses condomínios foram se fechando para poder garantir a promessa de algo diferente em seus interiores. Contudo, uma das principais questões oferecidas por esses fechamentos é exatamente a abertura.



2 O Decreto nº 540 de 1898, garantia o benefício da “liberdade de construção”, isentando, em Copacabana, os construtores de impostos e dispensando as exigências de construção de prédios que valiam para o resto da cidade.

RODRIGO CERQUEIRA AGUEDA

Abertura enquanto segurança no cotidiano, quanto a novas possibilidades de vida e de convívio social, e abertura no sentido literal, de espaço aberto. Se diferenciar do caos urbano se dá pela criação de imaginários de abertura, da praia ao ar livre, vista e parques. Um anúncio de um empreendimento em São Conrado, bairro que fica entre o Leblon e a Barra, se utiliza dessa abertura: “vista para o mar, para a Pedra da Gávea, para o Gávea Golf, e o fato de São Conrado ser protegido pela própria natureza” (Jornal do Brasil – 8/11/1975). O mesmo empreendimento enche os jornais com exemplos semelhantes, sempre exaltando essa imagem de abertura: “Respire o ar puro (...) Janelas e varandas para o mar, montanha e céu, de ar puro chegando para os seus pulmões” (Jornal do Brasil – 10/01/1976). Essa abertura é também comumente contrastada com a sua falta no restante da Zona Sul, onde a urbanização desordenada a transformou em uma imagem asfixiante. Talvez o maior exemplo dessa tentativa de contrastar uma imagem de abertura com um imaginário de densidade urbana seja o de uma propaganda de 1977, que traz que “Nenhum prédio faz sombra ao outro, nenhum tira a vista do outro, todos têm a mesma insolação, aeração, ventilação e visão ou do mar ou montanha. Paisagem livre e ampla” (Jornal do Brasil – 11/12/1977). Não fazer sombra ou ter uma vista são aspectos que

contribuem para um imaginário de abertura, de espaço, em contraste com o adensamento urbano. Assim como mostraram Patriota de Moura e Januzzi em Brasília, a apropriação “do céu acima” – tanto quanto a apropriação do “chão abaixo” – contribui para a valorização da moradia, sendo sinônimo de uma baixa densidade urbana e de um prestígio que prédios como os de Copacabana não mais detêm (Patriota de Moura; Januzzi, 2019). Essa abertura, contudo, só se faz possível com os imaginários atrelados ao fechamento, à circunscrição de um modelo de vida e moradia apartado do resto da cidade.

Copacabana representava, no mapa do imaginário urbano carioca, o caos, sustentado pela narrativa de urbanistas e jornalistas. Teixeira Alves (2020) mostrou como isso criou toda uma “campanha pela salvação urbanística da Barra”, revelando toda a disputa de imaginários de cidade que tínhamos e que deveríamos ter que ocorria nos anos 1960 e 1970. A falta de legislação urbanística controlando a sua ocupação² foi o que fez com que, em Copacabana, cada “prédio faz sombra ao outro”, sem a possibilidade de ter as “janelas e varandas para o mar, montanha e céu, de ar puro chegando para os seus pulmões”. Os imaginários modernistas de espaços abertos e circulação de ar, os mesmos que influenciavam Lucio Costa, estavam presentes nas propagandas que



valorizavam “insolação, aeração, ventilação”. Como evitar que o mesmo acontecesse na Barra? Como garantir que seria possível manter lá essa abertura? Por meio de fechamentos. Autointitulados “bairros planejados”, esses grandes empreendimentos que se deram nos “núcleos urbanizados” projetados por Lucio Costa conseguiam garantir essas e outras promessas apenas ao se fechar do restante do bairro. Se tornando condomínios fechados, “enclaves fortificados” (Caldeira, 2000) que representam essas “ilhas urbanas” (Roitan, 2011), “ilhas de paz e tranquilidade” (Schild, 1979) ou “ilhas isoladas da cidade tradicional” (Sánchez, 2009), esses empreendimentos conseguiriam manter as promessas - que não deixam de ser imaginários projetados - que sustentavam o imaginário do bairro em si. O fechamento traz a segurança, a homogeneidade e o prestígio, mas também o próprio imaginário de abertura

Dentre os embates de imagens e narrativas opostas que são colocadas de forma complementar nesse processo de expansão urbana, a questão da *distância* e *proximidade* possuem um papel ímpar. Associada à ideia de possibilitar uma infraestrutura urbana longe dos centros urbanos, ou de possibilitar um espaço aberto que não seja necessariamente longe da claustrofóbica metrópole, combinar ideias de afastamento com fácil acesso era essencial. Atrelar

a esse bairro da Zona Oeste o status e estilo de vida dos bairros da Zona Sul necessita de uma proximidade ao mesmo. Assim como a ideia do *fugere urbem* não satisfaria os anseios das camadas médias e altas urbanas, sem o fácil acesso à essa cidade. Para sustentar a promessa de um bairro afastado, mas com fácil acesso à cidade, as construtoras, a mídia e o Estado tiveram que investir em soluções, que vão desde grandes infraestruturas viárias a mapas em jornais e ônibus privativos.

A principal construção que facilitou o acesso ao bairro foi o Elevado do Joá. Um complexo de pontes e túneis que liga a Zona Sul à Zona Oeste, a grandiosa obra do governo Negrão de Lima foi um grande investimento. A primeira de seu tipo no Brasil, aquela infraestrutura moderna gerou mortes e atrasos, mas foi uma dos principais pilares para sustentação das promessas de proximidade atreladas à Barra da Tijuca, como busquei mostrar outrora (Agueda, 2023). Uma reportagem de janeiro de 1970 intitulada “Roteiro do Rio (em construção) para os turistas” traz a construção do Joá como a grande abertura de caminho para esse novo destino que se criava ao Oeste.

Rumo ao futuro: o turista não deve se deter apenas em Copacabana. O Rio continua crescendo em direção ao mar (...) Quem quiser tomar um

banho de mar tranquilo, sem se sentir sufocado pela multidão de banhistas e pelos edifícios ao fundo, procura logo a Barra da Tijuca. (Jornal do Brasil – 08/1/1970, p. 8)

A Barra da Tijuca aparece enquanto opção próxima à Zona Sul. A matéria trata o antigo acesso ao bairro como de estradas “estreitas, tortuosas e perigosas”, mas que “no final de 1971, porém, o drama estará terminado. Três túneis, um *free way* e uma ponte, ligarão a Zona Sul a Barra da Tijuca, em 10 minutos”. Aqui, vemos como o novo bairro aparece enquanto refúgio, enquanto natureza e tranquilidade, mas sem estar asfaltado, distante. Uma outra reportagem, de 1971, reforça isso, ao se intitular “Barra da Tijuca ficará mais perto dos cariocas com a nova auto-estrada” (Figura 2).



Figura 2: Matéria de jornal “Barra da Tijuca ficará mais perto dos cariocas com a nova Auto-Estrada”. Fonte: Jornal do Brasil – 07/03/1971.

Além dessa grande obra, narrativas eram feitas para tentar sustentar essa mesma retroalimentação entre *distância e proximidade*. Uma edição da Revista de Domingo do Jornal do Brasil, do ano de 1979, é totalmente dedicada ao novo bairro, quase que como uma construção detalhada de um argumento a favor dessa nova alternativa de vida urbana. Com um grande mapa indicando os acessos ao bairro (Figura 3), a revista não poupa em promessas de proximidade. “Há alguns anos era preciso, além de disposição firme, razoável disponibilidade de tempo para cumprir a maratona de ir à Barra da Tijuca (...) Hoje coexistem a Barra-lazer e a Barra- local de residência”; “A Barra cada vez mais perto: a cada dia multiplicam-se as vias de acesso à Barra da Tijuca. Num futuro não muito distante, de qualquer parte do Rio, até lá será apenas um pulo”; “Em resumo, falta apenas encurtar a distância entre a casa e o trabalho”; “Todos os caminhos levam ao bairro novo e ao novo estilo de vida” (Jornal do Brasil – 29/7/1979). Esses são alguns trechos que fazem alusão ao quão perto está essa possibilidade de vida urbana afastada dos grandes centros adensados. Além disso, os grandes condomínios do bairro vão todos investir em meios de transportes privados a seus moradores para levá-los, em horários regulares, à Zona Sul e ao centro da cidade, para que a distância não seja um problema, e sim uma solução.

3 A ideia de “vazio” enquanto um imaginário de antítese ao progresso e, ao mesmo tempo, de oportunidades de urbanização, foi muito enunciado durante as transformações urbanas no Brasil durante a segunda metade do século XX. Seja com Brasília ocupando esse “vazio” do centro-oeste brasileiro para a construção da grande obra modernista do Distrito Federal, seja a Transamazônica para ocupar o vazio natural da floresta amazônica, oposto do urbano, seja com a Barra da Tijuca ocupando aquilo que era tido como o “sertão carioca”, o “vazio” da Zona Oeste da cidade.

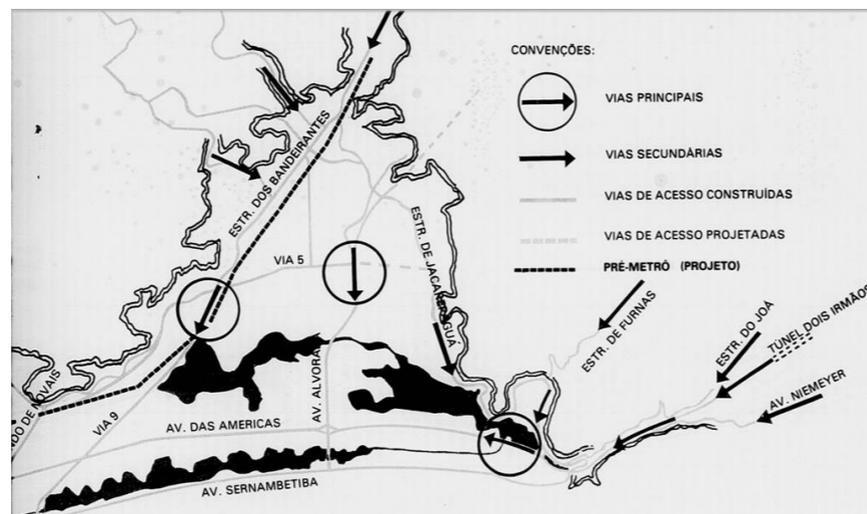


Figura 3: Mapa de opções de acesso à Barra da Tijuca, em 1979. Fonte: Jornal do Brasil – 29/7/1979.

Muitas outras duplas de imaginários vão ser trazidas pelas narrativas jornalísticas e pelas promessas imobiliárias para tentar construir uma nova imagem do bairro em construção. O próprio Joá, assim como as muitas infraestruturas que chegam ao bairro, vão explorar a tensão entre *natureza* e *técnica*. A construção do conjunto habitacional Cidade de Deus, vizinho ao bairro, vai também contrastar as formas urbanas *condomínio* e *conjunto habitacional*, que nessa época emergem enquanto opostos, mas que, poucas décadas depois, vão ser atreladas e combinadas. O que busquei mostrar, de forma não exaustiva das possibilidades de análises imagéticas enunciadas, é o papel que esse contraste de imagi-

nários é fundamental para a construção de uma alternativa. O lugar que a Barra da Tijuca vai ocupar nesse mapa simbólico da cidade e em sua economia vai ser transformado pela enunciação desses opostos complementares, que vão substituir o lugar de um vazio³, de um sertão distante, por algo que não necessariamente seria o denso, a metrópole, o conectado, mas algo inteiramente novo no imaginário social carioca.

Temporalidades

Um decreto de 2022 estabelece o zoneamento de uma área de proteção ambiental (APA) dentro do bairro da Barra da Tijuca, com o nome de “APA Sertão Carioca”. O nome remete ao livro de Magalhães Corrêa, de 1936, sobre a região então tida como rural. Um tempo muito distante, e que se tentou apagar da memória do local, onde a paisagem trocava as árvores e dunas por shopping centers e prédios, volta à tona no discurso ambiental. O bairro que tem o apelido de “Miami do Rio” e que tem a maior concentração de shoppings do Brasil, trazido enquanto o “futuro” da cidade nos anos de sua construção, recorre a temporalidades passadas, associadas a um local bastante diferente do bairro dentro da cartografia simbólica da cidade, para suprir uma determinada demanda.



Nessa sessão, trago elementos para se pensar o papel da manipulação de temporalidades enquanto um mecanismo de mercado e de construção de promessas e alternativas em processos de expansão urbana. A Barra da Tijuca, com sua complexa metamorfose de imaginários dentro do mapa simbólico da cidade, apresenta um caso emblemático de como esse mecanismo é produtivo de cidade e de modos de vida urbanos.

Texeira Alves, em sua dissertação intitulada “Entre o presente e o passado, o futuro” (2020), lança luz sobre como o processo de construção do bairro se baseou na construção de uma ideia de futuro associada aos imaginários social sobre o bairro, mas intrinsecamente ligada a experiências passadas. O autor nos ajuda a adentar a forma com que o uso de temporalidades vai ser feito de forma mais complexa do que simplesmente se valer de ideais modernos ou de futuro. Muito além de se colocar enquanto futuro, muitas camadas de temporalidades vão compor as mutações que o bairro vai ter dentro do imaginário urbano carioca e, assim como dito anteriormente sobre os imaginários, é a articulação de temporalidades distintas enquanto complementares que vai possibilitar a sustentação de algo inédito.

O conceito de tempo é crucial para se pensar processos históricos. Valendo de Elias, compreender o tempo não como algo dado ou criação da natureza, mas como uma construção simbólica baseada em eventos físicos e sociais que se repetem com certa regularidade (Elias, 1998) é fundamental. Só assim podemos entender o tempo pelo seu caráter de regulação social, tanto em termos macrossociais quanto a partir da individualização dessa coerção. Para o autor, o tempo serve como meio “de orientação do fluxo incessante do devir, e isso em todos os níveis de integração, tanto física quanto biológica, social e individual”, tornando-se a “representação simbólica de uma vasta rede de relações que reúne diversas sequências de caráter individual, social ou puramente físico” (Elias, 1998, p. 33-34). Esse conjunto de símbolos que é o tempo, corresponde à “maneira como a humanidade aprendeu a se orientar no universo” (Elias, 1998, p. 08). A temporalidade, tida aqui enquanto marcações narrativas a cerca de um período temporal, é essencial para compreender a realidade social. A forma com que diferentes períodos e seus imaginários são utilizados para produzir realidade social é o que orienta as mudanças que a Barra da Tijuca passa enquanto símbolo e enquanto bairro.

Balthazar (2020), analisando propagandas sobre a Barra da Tijuca, introduz a ideia de uma “or-



dem temporal de sucessivas repetições” para tratar das narrativas publicitárias. De acordo com a autora, os mesmos mecanismos utilizados outrora, em outros momentos da história urbana da cidade, se repetem ciclicamente, recriando demandas e soluções. A autora se utiliza da comparação entre a ocupação de Copacabana e a ocupação da Barra da Tijuca, argumentando que ambas utilizam temporalidades de um passado a-histórico para sustentar a promessa de um encontro com a natureza, como projeto de futuro. Balthazar argumenta que a partir de uma “narrativa que acaba por negar o curso histórico de transformações” (Balthazar, 2020, p. 85), percebe-se uma repetição de um artifício de criação de dois passados distintos: um recente ruim, e um longínquo bom. Presente na ocupação de Copacabana no começo do século XX, esse artifício se mostrou presente também na ocupação de São Conrado e da Barra da Tijuca.

Contudo, esse mesmo mecanismo aparenta ser muito mais uma acumulação progressiva do que uma repetição. Apesar de se utilizar de uma volta a um passado para construir uma promessa de futuro, o passado utilizado na ocupação de Copacabana - um a-histórico, de uma volta a um estado de natureza rousseauiano (ibidem) – não é o mesmo utilizado em São Conrado e na Barra, que focam mais em ex-

periências históricas para evocar memórias no público-alvo. Nesses últimos, tanto um passado recente de urbanização caótica da Zona Sul quanto um passado anterior, nostálgico e idealizado, de uma cidade tranquila e organizada, pré ocupação densa, ganha destaque, acumulando as experiências de Copacabana, do Leblon e de São Conrado, progressivamente. A partir de continuidades e rupturas, assim como ligada aos “ciclos do capital” (Fernandes, 2008) na cidade e a contextos específicos, o processo de transformações urbana no Rio de Janeiro apresenta uma repetição de mecanismos de produção de promessas e demandas, mas que produz formas diferentes. O que se repete sucessivamente, então, é a constante manipulação de temporalidades pela mídia, mas que progressivamente acumula novos valores, experiências e demandas. A trajetória, no espaço e no tempo, das experiências de fechamento nos mostra como as transformações urbanas de Copacabana à Barra se caracterizam, na realidade, por uma "ordem processual de sucessivas acumulações" (Agueda, 2021), tanto materiais quanto simbólicas, que são também dependentes dos contextos políticos e sociais que as acompanham. A remoção de favelas, a abertura de túneis, decretos e projetos urbanísticos, incentivo ao crédito e grilagem de terras são todos fatores que influenciam nas construções específicas que se dão no

4 *Retrofit* é uma prática de modernização ou atualização tecnológica de algum equipamento tido como antigo ou ultrapassado. Na arquitetura e no urbanismo, a prática de retrofit tem sido uma tendência, da utilização de prédios ou equipamentos urbanos antigos para a produção de uma opção imobiliária moderna, atual. Prédios com fachadas icônicas ou que remetem a uma época específica têm sido os principais alvos de tal prática no Brasil.

RODRIGO CERQUEIRA AGUEDA

decorrer do processo, criando formas novas, heterogêneas, que trazem consigo novas imagens, projetos e valores, que vão muito além de meras repetições.

A manipulação de temporalidades na construção narrativa do lugar da Barra no mapa simbólico da cidade na década de 1970 se vale de, pelo menos, cinco temporalidades: 1) um passado a-histórico, como o que aparece em Copacabana, de retorno a um “estado de natureza”, de valorização do espaço pré-civilização; 2) um passado pré-ocupação densa, que corresponde à vida tranquila na Zona Sul, tempo das casas unifamiliares e poucos prédios, que evoca nostalgia; 3) um passado recente, ruim, associado aos malefícios da urbanização densa, cujo maior exemplo é Copacabana, mas que se estende também ao Leblon; 4) um presente efêmero, tempo das oportunidades e da inovação, que se contrapõe a um presente da Zona Sul estagnado, e que traz em si já uma noção de futuro; 5) e um futuro duradouro, aqui utilizando a ideia de “geração” para evocar reflexões sobre os filhos, projetos de vida, e uma mudança definitiva, que se estenderia indefinidamente. Essas cinco camadas de temporalidades complexificam o entendimento de que a Barra emergiu no cenário carioca apenas como “o Rio do futuro”.

A junção de temporalidades passadas para sustentar imaginário de temporalidades futuras é um mecanismo presente em diversos outros cenários e cidades. Processos de renovação urbana, requalificação, revitalização ou “*retrofit*”⁴, são todos exemplos de se valer de uma temporalidade passada como forma de agregar valor a um empreendimento cujo imaginário aponta para uma temporalidade futura. Os exemplos desses fenômenos na cidade do Rio de Janeiro são muitos, passando pelo *retrofit* do antigo Hotel Glória, ao projeto de revitalização da zona portuária e a requalificação do território/circuito da Pequena Africa. A utilização de uma paisagem urbana enquanto alojadora de lembranças para produzir políticas de memória é uma prática urbanística que se vale da junção de diversas temporalidades a fim de produzir alternativas econômicas. Um mesmo local, prédio ou terreno é embutido dessa amálgama de imagens de futuro e memórias para que volte a ser um ativo na economia da cidade. A imagem abaixo (Figura 4), do antigo Hotel Glória, exemplifica bem esse mecanismo, com os dizerem: “O futuro do Rio tem um belo passado pela frente”, associado a imagens em preto e branco de pessoas em momento de lazer em uma época distante. “Um novo jeito de viver e morar” ilustram o produto desse mecanismo, a possibilidade de criação de uma alternativa nova,

que não é possível nem apenas associada a temporalidades futuras, nem associada apenas a temporalidades passadas.



Figura 4: Foto de propaganda da fachada do antigo Hotel Glória.

Fonte: acervo do autor.

O caso da Barra da Tijuca, contudo, parece ainda mais complexo. Um bairro recente, não associado a uma ideia de tradição e sem ainda grandes políticas de memória associadas a ele, aparentemente não teria um processo tão complicado em termos de seu lugar no imaginário social da cidade. Contudo, sua singularidade enquanto forma urbana e modo de vida, constitui um processo metamorfósico profundo, remetente a temporalidades e imaginários que vão muito além da memória do bairro em si. Ao contrário do Hotel Glória, que remete a um passado que lhe pertence, dos seus dias de “glória”, a construção simbólica da Barra remete a passados

e futuros remetentes à própria ideia de cidade. É essa complexidade de temporalidades coexistindo que permite evocação de sentimentos de nostalgia – em um momento em que o bairro ainda está em fase de construção – e, simultaneamente, euforia quanto a retornos financeiros num futuro próximo e a criação de filhos em um futuro não tão próximo. A imagem de um carro futurístico, em 1966, tentando bater o recorde brasileiro de velocidade na atual Avenida das Américas, cercada de restinga e dunas de areia (Figura 5), representa uma das aparentes contradições temporais, onde o cúmulo do futurístico se encontra com a paisagem do atrasado, enquanto a Zona Sul experienciava um boom imobiliário e se tornando um centro cosmopolita.



Figura 5: Teste de carro de corrida na Barra da Tijuca, nos anos 1970. Fonte: Jorge Lettry/Arquivo pessoal. <https://www.uol.com.br/carros/noticias/redacao/2021/04/29/de-mais-rapido-do-brasil-a-panela-co-nheca-a-historia-do-icone-caracara.htm?cmpid=copiaecola>

O mecanismo de manipulação de temporalidades utilizado na propaganda da Barra da Tijuca e seus empreendimentos é um ponto de partida proveitoso para pensar o caráter coercitivo do tempo a

5 As menções feitas nesse trabalho ao modernismo não buscam dar conta da complexidade que envolve o movimento artístico e arquitetônico do modernismo, em suas múltiplas vertentes e particularidades. Me atento aqui a uma referência à mentalidade modernista que eram preponderantes na época, sob influências de Le Corbusier e pautadas, principalmente, na figura de Lúcio Costa. Tal noção exemplifica a ideia de conciliação de paradoxos, utilizada tanto em relação às temporalidades quanto aos imaginários modernistas, que unem tradição e inovação/ruptura enquanto um de seus principais motes, principalmente se tratando do imaginário modernista latino-americano.

RODRIGO CERQUEIRA AGUEDA

que se referia Elias, mas sob o ponto de vista das narrativas temporais e sua capacidade de produção de cidade e modos de vida. Esse complexo mecanismo utilizado no bairro visa contornar o problema de produzir memórias em um lugar sem tradição, de prometer futuros que fujam às produções modernistas⁵ e que possam oferecer algo realmente inédito. De um “sertão carioca, a um lugar de aventura para casais, de fuga da cidade até chegar a uma “Miami do Rio”, *hub* de shopping centers e “condomínios-cidade”, a Barra da Tijuca se valeu de temporalidades opostas colocadas em complementariedade para oferecer ao mercado imobiliário a possibilidade de um modo de vida e de produção urbana inédito.

Conclusão

Bairros jovens também têm história para contar. Esse é o caso da Barra da Tijuca. Essa moderna região da cidade do Rio de Janeiro guarda memórias não muito antigas, mas importantes. (Diário do Rio – 17/06/2020)

Nesse ensaio, muito longe de concluir algo, a ideia é de propor uma nova maneira de pensar a utilização de imaginários e temporalidades para pro-

duzir ou transformar o lugar de uma localidade na cartografia simbólica da cidade. O bairro da Barra da Tijuca, que transformou um grande areal em um canteiro de obras, para depois virar um “subúrbio global” de *shopping-centers*, largas avenidas e grandes condomínios, passou por transformações materiais que se sustentaram sobre mudanças imagéticas, talvez até mais grandiosas. As metamorfoses imaginadas pelas quais o bairro passou vão muito além das metamorfoses físicas que transformaram de fato a paisagem da região. A partir desse caso, podemos pensar outras maneiras com as quais imaginários e temporalidades apresentam um campo enorme de produção de políticas de memória que vão muito além da historicidade de uma localidade. A memória, enquanto ativo econômico de um lugar, de um empreendimento, pode ser utilizada de forma artificial, principalmente quando conectando imagens contraditórias ou opostas para gerar uma alternativa inovadora.

Um dos desafios que inspirou este ensaio era o de como pensar a memória de um bairro que não tem vinculação a uma ideia de tradição. Apesar da utilização daquela região desde os primórdios da ocupação da cidade, e de alguns casos pontuais que representavam o bairro antes de sua formação de fato – como o Bar do Oswaldo, na região desde 1946,



assim como os motéis que o circundam – a Barra realmente não é atrelada a uma ideia de tradição. Sendo recente em termos da história urbana da cidade – seu plano urbanístico é de 1969, e a fundação oficial do bairro é de 1981 – e tendo sido construída a partir de uma tentativa de repaginação da região, o bairro em si não possui memórias antigas. Mas, como traz o trecho que introduz essa sessão, “bairros jovens também tem história para contar”. A saída para esse desafio, como busquei mostrar, parece ser essa manipulação de imaginários e temporalidades que não são do bairro em si, mas que dão conta de tempos e experiências da cidade, quando não do próprio conceito de cidade. Portanto, o esforço aqui foi de enunciar como diferentes temporalidades vão se atrelar a diferentes imagens para gerar uma economia simbólica específica, de uma localidade que não os detém.

A contraposição entre ideias opostas é o principal mecanismo que aparece nesse processo, sendo ele também o responsável pela volatilidade da posição do bairro no mapa simbólico do Rio de Janeiro. Essas dualidades complementares, de natureza e cidade, distante e próximo, antigo e do futuro, se mostram, em um contexto de necessidade de reinvenção do mercado imobiliário, como a principal ferramenta de atribuição de valor e de construção de alterna-

tivas. Como busquei mostrar, não bastaria a Barra se vender enquanto o “novo” de uma Zona Sul “antiga” se não trouxesse também memórias de um passado nostálgico pré-urbanização densa. Não bastaria para a Barra as promessas de sossego, abertura e natureza se não fossem elas munidas das infraestruturas dos centros urbanos, da tecnologia e dos serviços da cidade. A Barra da Tijuca não se tornaria o principal eixo de expansão da cidade se não fossem as promessas de afastamento da cidade caótica adicionadas ao rápido e fácil acesso ao resto da cidade. Na realidade, não bastaria para a Barra ser apenas um novo bairro. Para que a Barra virasse o bairro que virou, a alternativa que virou, foi necessário que se produzisse uma nova conceituação de cidade, um novo imaginário sobre o urbano, sobre o viver na cidade, e sobre os limites do público e do privado. Ao se deslocar por entre as memórias de cidade - e da ideia de cidade – do Rio de Janeiro, a Barra da Tijuca se coloca como uma nova forma de experimentar a cidade, atrelada a tudo que ela se negava a ser, e a tudo que ela prometia se tornar.

O ponto que defendo, então, é que a Barra da Tijuca é um bairro construído sobre políticas de memória que não são dele. Memórias de Copacabana, do Leblon e do centro da cidade; memórias de um passado longínquo, de um sertão e da natureza; me-



mórias de desbravamento e oportunidades, sempre vinculadas a algo que seria próximo de uma memória de futuros de cidade e de vida. Me valendo da ideia de Velho (2003) acerca do conceito de “projeto”, os projetos de vida e projeções de conduta se valem sempre das memórias passadas, de experiências passadas. Então, mesmo as temporalidades de futuro a que o bairro se utiliza representam aspectos de memória que não são dele. Apesar de suas singularidades, a Barra, a sua forma urbana e os seus modelos imobiliários já são – de umas décadas para cá – expressões de novos processos de expansão que se dão na cidade. Ao contrário de localidades que possuem, sim, suas histórias atreladas à tradição e que podem se valer de suas próprias memórias para fincar suas posições no quadro da economia simbólica da cidade – como a região portuária e o Hotel Glória –, a Barra e as novas fronteiras de expansão da cidade podem, e devem, se valer desse mecanismo mais complexo de temporalidades e imaginários. É essa utilização que abre portas para novas possibilidades e reinvenções, hoje necessárias para a reprodução do mercado imobiliário.

Em processos de expansão urbana como esse, as imagens são como tempos, assim como os tempos são imagens. A retroalimentação entre temporalidades e imaginários se mostra como um dos verdadei-

ros carros-chefes da expansão, sustentador de novas possibilidades de transformações concretas nas nossas cidades. Estruturas novas, de concreto ou de tijolos, hoje se apoiam sobre tempos longínquos passados e futuros abstratos, que extrapolam a paisagem onde são colocados. Assim como a imagem da natureza exala temporalidades de passado e a imagem de infraestruturas exala temporalidades de futuro, o presente em meio a espaços verdes abertos, cercados de serviços e tecnologias das mais modernas, exala talvez uma nova forma de se experimentar o espaço urbano.



Referências

- AGUEDA, Rodrigo. Além do Joá: infraestruturas e expansão urbana em direção à Barra da Tijuca. **Cadernos Metrópole**, v. 25 (56), p. 185-204, 2023.
- AGUEDA, Rodrigo. **Do Leblon ao Novo Leblon : experiências de fechamento e o processo de expansão urbana em direção à Barra da Tijuca (RJ)**. Dissertação (Mestrado em Sociologia – com concentração em Antropologia). UFRJ/IFCS, 2017., Rio de Janeiro, 2021.
- ALVIN, Angelica. Public open spaces turned private – the case of Rio de Janeiro, Brazil. 15th **IPHS Conference**. São Paulo. p.93, 2012.
- BALTHAZAR, Ana Carolina. O tempo da Barra da Tijuca: Concepções de passado, presente e futuro na narrativa midiática sobre o bairro. **Dilemas – Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**. 13.1, 77-94, 2020.
- CALDEIRA, Teresa Pires. **Cidade de muros – crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Editora 34/Edusp, 2000.
- CORRÊA, Armando Magalhães. **O sertão carioca**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. 1936.
- COSTA, Heloísa Soares de Moura; COSTA, Geraldo Magela; MENDONÇA, Jupira Gomes de; MONTE-MÓR, Roberto Luís de Melo. **Novas periferias metropolitanas – a expansão metropolitana em Belo Horizonte: dinâmica e especificidades no Eixo Sul**. Belo Horizonte: C/Arte. 2006.
- COSTA, Lucio. **Plano piloto para urbanização da baixada compreendida entre a Barra da Tijuca, o Pontal de Sernambetiba e Jacarepaguá**. Estado da Guanabara, Rio de Janeiro, 1969.
- DOURADO, Sérgio. O que é nova qualidade de vida. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 23 de nov. de 1975, 1º Caderno, p. 3.
- DA ROCHA, Ana Luiza Carvalho; ECKERT, Cornelia. **Antropologia da e na cidade, interpretações sobre as formas da vida urbana**. Porto Alegre: Marca Visual, 2013.
- ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998
- ELIAS, Norbert. **A Sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- FARIAS, Edson. Memória, o objeto em suas narrativas. Em: FARIAS, Edson; FONSECA-SILVA, Maria (orgs.). **Memória, Discurso e Sociedade**. São Carlos: Claraluz, 2012.
- FERNANDES, Nelson. Os militares e o espaço urbano do Rio de Janeiro: Um programa de pesquisa em geografia urbana e geopolítica. **Revista Eletrônica de Geografia y Ciencias Sociales**, vol. 10, n. 218, p. 1-8, 2006.



- GOMES, Ana Cristina; DEL RIO, Vicente. A outra urbanidade: a construção da cidade pós moderna e o caso da Barra da Tijuca. Em: DEL RIO, Vicente (orgs.): **Arquitetura: pesquisa e projeto**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1998.
- HERZOG, Lawrence A. The Political Economy of a Global Suburb in Rio de Janeiro, Brazil. **Latin American Perspectives**, Issue 189, Vol. 40, n. 2, p. 118-134, 2013.
- LEFEBVRE, Henri. A produção do espaço. **La production de l'espace**. Paris: Éditions Anthropos, 2000.
- INDNER, Christoph; MEISSNER, Miriam (eds). **The Routledge Companion to urban imaginaries**. London: Routledge, 2018.
- LOW, Setha. The edge and the center: gated communities and the discourse of urban rear. **American Anthropologist**, 103(1), 45-58, 2001.
- LOW, Setha. **Behind the gates: life, security, and the pursuit of happiness in fortress America**. Routledge, 2004.
- MASSEY, Doreen. **Pelo espaço – uma nova política da espacialidade**. Bertrand do Brasil Editora, Rio de Janeiro, 2008.
- MELLO, M. A. S. Selva de Pedra: apropriações e reapropriações dos espaços públicos de uso coletivo no Rio de Janeiro. In: ESTERCI, N.; FRY, P.; GOLDENBERG, M. (Orgs.): **Fazendo Antropologia no Brasil**. Rio de Janeiro: DP&A, v. 01, 2001. p. 205-228.
- MELLO, M.A.S.; VOGEL, A. **Quando a rua vira casa: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro**. Niterói: Eduff, 2017.
- O'DONNELL, Julia. **A invenção de Copacabana: culturas urbanas e estilos de vida no Rio de Janeiro (1890-1940)**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- PATERMAN, Rachel. **No princípio, a paisagem: identidade e transformações urbanas em projetos de Fernando Magalhães Chacel (1931-2011)**. Tese de Doutorado em Sociologia (área de concentração Antropologia). Rio de Janeiro, UFRJ/IFCS, 2017.
- PATERMAN, Rachel. Construindo a paisagem: arquitetura, meio ambiente e poder em um Rio de Janeiro em expansão. **Interseções** (Rio de Janeiro) v. 22 n. 3, p. 362-387, dez. 2020. DOI: 10.12957/irei.2020.56788.
- PATRIOTA DE MOURA, Cristina; JANUZZI, Vinicius Prado. Brasília classificada: novos espaços de classe média na capital federal. **Tempo Social**, São Paulo , v. 31, n. 1, p. 113-134, abr. 2019. <https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2019.151261>.
- ROITMAN, Sonia. Distinción social y hábitat residencial en América Latina. Revista **INVI**, Santiago, v. 26, n. 73, p. 17-71, nov. 2011.



RODRIGO CERQUEIRA AGUEDA

SÁNCHEZ, Natália. **A invenção da Barra da Tijuca: a anticidade carioca**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2009.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 2012.

SCHILD, Susana. Insegurança nos condomínios: adeus, ilhas de paz e tranquilidade. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 26 de dez. de 1979, **Caderno B**, p. 01.

TEIXEIRA ALVES, Rodolfo. **Entre o presente e o passado, o “futuro”: o processo de urbanização da Barra da Tijuca (RJ)**. Rio de Janeiro, 2020. Dissertação (Mestrado em Sociologia – com concentração em Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

VELHO, Gilberto. **A Utopia urbana: um estudo de antropologia social**. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1973.

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

